

A VÉIA DO 51_Parte 2 (Final)

Uma hematúria (sangue na urina) levou a equipe médica a adiar minha saída do hospital por mais um dia, comi o pão que o diabo amassou. Carregando cateter e frascos de soro, continuei dando meus volteios e passinhos, ia até o postinho de enfermagem, um rolê e de volta até o vitrô da 23 de Maio. Entrava um sol maravilhoso me lembrando que lá fora a vida continuava indiferente a minha sorte e a cidade grande rugia com seus milhares de carros “gazeados a prestação” da canção de Tomzé, indo e vindo do centro ou do Ibirapuera. No ensolarado sábado a tarde recebi alta e fui para um apart-hotel nas imediações da BP.

Percebi que a experiência vertiginosa da pandemia de Covid-19 deixou algo importante: a capacidade de se adaptar e viver em confinamento, era apenas deixar escorrer o lento passar das horas, se acostumar a uma nova vida de limitações e simplicidade. As tarefas diárias não eram mais reguladas apenas pelo relógio, mas pelas exigências cotidianas: reaprender a tomar o banho cheio de limitações, a troca da fralda, o controle dos medicamentos, as caminhadas pelo corredor do hotel e pelo interior do apê, o café da manhã, o almoço e o jantar, esvaziar o tanque de urina – pensei até em guardar um pro meu amigo Luiz Antônio devolver no dia do jogo decisivo da Francana desse ano, já que no último título da Veterana em 1977, ele estava no Lanchão e jogaram esse treco na direção dele do alto das arquibancadas. Infelizmente, não teve como. Nunca pensei que o simples ato de “soltar o barro” seria visto como uma conquista pessoal tão importante quanto a da Veterana.

A lenta recuperação reduz a concentração, dificulta a leitura de textos mais longos, o livro novo do Padura ficou o tempo todo ali, me olhando sem ser aberto, ao menos avancei na leitura de outro maravilhoso romance brasileiro que tem tudo a ver com o Gabriel Garcia Marquez, conto depois. Ouvi muita música, uma playlist gigantesca de coisas que gosto de ouvir sempre, que inclui até “Caçamba” do Molejo, por motivos familiares. Notícias dos amigos distantes, da família, a visita presencial de alguns também ajudam a enfrentar a batalha diária. Claro, nada disso seria possível sem contar os dois anjos da guarda que me acompanharam o tempo todo. Atalie, com sua incrível facilidade em aprender coisas manuais e improvisar soluções para nosso dia a dia e a madrinha Fernanda Zuliani, sempre preocupada com o andamento da recuperação. Ajudaram também os amigos paulistanos que começaram a aparecer sozinhos ou em grupo para dois dedos de prosa e risadas. Acostumados a encontrá-los em situações mais prazerosas como restaurantes, cafés ou visitando museus, nunca foi tão bom revê-los, um alento em dias tão difíceis a lembrar o valor das amizades que fazemos vida afora.

A vida num apart-hotel tem suas regras também. Horário do café da manhã, da limpeza – a moça encarregada tem uma planilha igual aquelas que o Chico Sad gostaria de ter feito, com todas as tarefas a cumprir. Local de alta rotatividade, também tem sua fauna, como moradores permanentes. Foi o que descobri na minha curta caminhada diária pelo corredor. Ao fundo, ficava o apartamento 51. Lá dentro, uma mulher vituperava contra alguém, um esculacho federal. Nunca ouvi e aprendi tantos palavrões com aquele sotaque paulistano da Moóca, incrível a capacidade da “véia do 51” em disparar impropérios e xingamentos escatológicos contra um desafeto. Como eu ouvia um pedaço e logo dava meia volta no corredor, escutava tudo pelas metades, sequer descobri o motivo da coisa toda, mas a sessão de descarrego era diária. A mulher acordava cedo pra xingar, um espanto. Ela não saía, então nunca vi pessoalmente a “véia do 51”, mas fica registrado meu respeito pela sua capacidade criativa em xingar alguém, embora desconfie em quem ela votou nas duas últimas eleições presidenciais pela categoria e terminologia utilizadas.

Retirada a sonda (e o peso de um caminhão das costas), após as instruções médicas às necessárias adaptações à nova vida, pude voltar para a velha Franca do Imperador. Tempos sem dirigir, dois meses sem academia ou esforços físicos, repouso e bola pra frente, suportando dores novas e antigas, não está nem vai ser fácil.

A esperança de ficar mais uns tempos na superfície do planeta azul é grande, seguir vivendo, convivendo com os que amamos e sempre aprendendo a viver, fazendo arte, o que gostamos e nos leva a tocar o barco pra frente.

Mauro Ferreira é arquiteto